

## A Guerra do Paraguai na literatura escolar\*

André Mendes Salles<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de realizar uma análise comparativa entre duas edições (1999 e 2005) do livro didático *História Global: Brasil e Geral*, de Gilberto Cotrim, ao que concerne a um assunto específico: A Guerra do Paraguai. Assim, buscamos relacionar o referido conteúdo nas duas edições selecionadas, com a bibliografia e produção acadêmica da época e observar as influências historiográficas para suas produções, percebendo se houve mudanças na formulação do texto e interpretação do autor do livro escolar a partir da renovação historiográfica em relação à Guerra do Paraguai.

**Palavras-chave:** *Historiografia didática; Conhecimento histórico escolar; Guerra do Paraguai.*

**Abstract:** This article aims to make a comparative analysis between two editions (1999 and 2005) of the Gilberto Cotrim's textbook *História Global: Brasil e Geral* (Global History: General and Brazil), it concerns a specific topic: The Paraguay War. Therefore we attempted to correlate such subject in the selected textbooks, in its editions, with the bibliography and academic production of the time, and observe the historiographical influences for its production, noticing if there were changes in the concepts of the text and in the interpretation of the author of textbook concerning to the Paraguayan war's historiographical renewal.

**Keywords:** *didactic historiography; school historical knowledge; Paraguayan War.*

No espaço aqui reservado, discutiremos, em uma análise comparativa, duas edições do livro didático de Gilberto Cotrim<sup>2</sup>, *História Global: Brasil e Geral*, no que concerne a uma temática específica: a Guerra do Paraguai<sup>3</sup>. As análises realizadas são referentes às edições de 1999 (5ª edição) e 2005 (8ª edição)<sup>4</sup>.

---

\* Artigo submetido em 30.10.2012, e aprovado para publicação em 19.12.2012.

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professor no Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

As reflexões realizadas neste artigo foram gestadas entre 2009 e 2011 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da professora Dra. Vilma de Lurdes Barbosa e culminou na dissertação de mestrado intitulada *A Guerra do Paraguai na literatura didática: um estudo comparativo*. A pesquisa contou com financiamento da CAPES.

<sup>2</sup> O professor Gilberto Cotrim é graduado em Direito (1980) e História (1983) pela Universidade de São Paulo (USP) e obteve o título de mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie em 2003, onde desenvolveu o trabalho dissertativo: *Representações de D. João VI: em livros didáticos brasileiros e portugueses e no filme Carlota Joaquina*. Nesse sentido, Cotrim é não somente um autor de livros didáticos, mas também um pesquisador dos mesmos, tendo desenvolvido trabalho acadêmico acerca dos manuais escolares. Além dessas formações, iniciou na década de 1980 o curso de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mas não chegou a concluir. Essas informações foram concedidas pelo próprio Cotrim, em entrevista realizada em 2011.

<sup>3</sup> Nossa intenção foi relacionar a temática Guerra do Paraguai no livro didático selecionado, nas duas diferentes edições, com a bibliografia e produção acadêmica da época, e observar as influências historiográficas, percebendo se houve mudanças na formulação do texto e interpretação do autor do livro escolar a partir da

Nessa perspectiva, a temática Guerra do Paraguai tornou-se, para nós, o pretexto para uma análise mais ampla da literatura escolar, onde pudemos perceber, nas décadas em destaque, as modificações mais gerais pelas quais essa literatura passou, a exemplo das transformações na própria materialidade dos livros didáticos ao longo das duas edições analisadas.

A 5ª edição (1999) do livro em destaque, assim como boa parte dos livros voltados para o Ensino Médio na década de 1990 apresenta o formato de 17x24 cm, enquanto que a edição de 2005 (8ª edição) é de 21x28 cm. A Supervisão editorial nas duas edições analisadas ficou sob a incumbência de José Lino Fruet. Contudo, a edição de 2005 apresentou mais profissionais envolvidos no processo de edição, indicando, possivelmente, uma maior complexificação da indústria dos livros didáticos.

Tendo em vista que as duas edições analisadas (1999 e 2005) apresentaram diferenças no que se refere à abordagem/interpretação do conteúdo estudado, separamos em tópicos por uma questão de organização, as nossas análises em relação às mesmas.

### **1. História Global: Geral e Brasil. 5ª edição (1999)**

Na apresentação desta edição, ao explicar sua obra ao público leitor, Gilberto Cotrim afirma que o livro “apresenta uma visão global, clara e concisa, dos principais tópicos que marcaram a história ocidental, desde a Pré-História até nossos dias, incluindo a História do Brasil” (COTRIM, 1999: 3). Quanto ao objetivo da obra, o autor explica: “Foi [o] de atender aos temas fundamentais dos currículos nacionais de História” (COTRIM, 1999: 3).

Devemos ressaltar que esse é o momento em que as editoras de livros didáticos começaram a investir cada vez mais nas abordagens da História Integrada. Na apresentação do livro percebemos a explícita preocupação do autor em ter como objetivo atender aos currículos nacionais de História.

Cotrim, ao escrever sobre as perspectivas analíticas de sua obra, afirma que esta possui um “**enfoque abrangente** (destaque nosso) dos fatos econômicos, sociais e políticos” (COTRIM, 1999: 3). Contudo, anteriormente, o autor escreveu que seu livro “apresenta uma

---

renovação historiográfica e dos revisionismos referentes a temática, especialmente ao que concerne as causas do conflito.

<sup>4</sup> Em nossa pesquisa, analisamos também as obras didáticas de Nelson Piletti e Joana Neves & Elza Nadai. Contudo, devido ao curto espaço aqui reservado, discutiremos apenas as obras do professor Gilberto Cotrim. Na pesquisa original, o recorte foram as décadas de 1980/90/2000. Entretanto, neste artigo, nossa temporalidade refere-se as décadas de 1990 e 2000.

**visão global, clara e concisa** (destaque nosso)” (COTRIM, 1999: 3). Portanto, nos questionamos: como conciliar uma **visão concisa** e um **enfoque abrangente**?

Segundo consta na apresentação, o autor está atento aos “novos setores dos estudos históricos: o cotidiano, a vida privada, a situação da mulher, a visão dos vencidos” (COTRIM, 1999: 3). Isso demonstra a preocupação em expressar que sua obra está vinculada às mais recentes perspectivas historiográficas.

O autor afirma que “no plano didático, a preocupação principal foi a de despertar a participação dos alunos nas aulas de História”. Por isso, afirma ele, “o texto foi enriquecido com mapas, documentos e uma atraente iconografia” (COTRIM, 1999: 3). Ao que concerne a avaliação da aprendizagem, Cotrim afirma: “o livro conta com diversificadas atividades destinadas a monitorar a aprendizagem, desenvolver a reflexão e preparar o aluno para os exames vestibulares” (COTRIM, 1999: 3). Desta forma, o autor tem o objetivo de apresentar uma obra que se pretende não somente estar atualizada em relação às perspectivas educacionais, como também preocupada com a demanda dos vestibulares, pois constam, ao final de cada unidade, diversas questões de algumas das principais universidades brasileiras. Parte delas são dissertativas, o que indica, até certo ponto, uma preocupação do autor/editor em não se restringir apenas a questões de múltipla escolha, entendendo, talvez, a importância do papel da escrita na aprendizagem e produção de conhecimentos históricos.

Além disso, compõem a obra *quadros laterais*<sup>5</sup> destacados em amarelo, com a função de definir certos conceitos, no intuito de oferecer maior clareza aos conteúdos. Ao final de cada capítulo têm-se dois quadros: *monitorando o estudo*, destacado em verde, e *reflexão*, destacado em azul, com perguntas, ponderações e sugestões de atividades, cujo objetivo é auxiliar o aluno no processo de aprendizagem da temática em estudo.

Um fator que salta a vista é a não indicação de uma bibliografia que demonstre ao leitor os livros dos quais o autor se serviu para escrever a obra, ou mesmo uma bibliografia complementar que pudesse servir de aprofundamento ao aluno ou mesmo ao professor. Entretanto, ao longo da obra, Cotrim utiliza citações, das quais algumas no próprio corpo do texto, enquanto outras separadas em boxes, que nos permitem visualizar parte das obras utilizadas pelo autor. Apesar de Cotrim empregar algumas citações ao longo do livro, não há, contudo, nenhuma referência ou informação que indique explicitamente a literatura utilizada por ele ao escrever sobre a Guerra do Paraguai.

---

<sup>5</sup> Expressão utilizada pelo próprio autor/editor.

Cotrim, apesar de não indicar uma bibliografia complementar para possível aprofundamento futuro de alunos e/ou professores, realiza, em alguns boxes de cada capítulo, indicações de filmes. Não há, entretanto, a indicação de nenhum filme sobre a temática por nós abordada.

O conteúdo referente à Guerra do Paraguai é tratado no capítulo 43, intitulado “Brasil – Segundo Reinado”. Este capítulo, dentre outros assuntos, trata da “política externa do Segundo Reinado”. Neste tópico o autor aborda os conflitos que o Império brasileiro teve com a Inglaterra, a chamada Questão Christie, e com os países vizinhos, da Região Platina<sup>6</sup>.

Cotrim inicia seu texto afirmando a importância da Região do Prata e os interesses econômicos e políticos do Império brasileiro nesta região. Assim, o autor lista alguns desses interesses:

1. Tinha o interesse em “garantir o direito de navegação pelo rio do Prata [...], que era o único acesso para a província do Mato Grosso” (COTRIM, 1999: 333). E ressalta: “Na época não havia estradas da capital do país para o Mato Grosso” (COTRIM, 1999: 333).
2. Tinha interesse em garantir que os vaqueiros uruguaios respeitassem as fronteiras brasileiras e não mais invadissem as terras do Rio Grande do Sul.
3. Tinha o interesse em “impedir que a Argentina anexasse o Uruguai, formando com ele um só país” (COTRIM, 1999: 333).

Segundo Cotrim, os interesses do Império do Brasil pela Região do Prata eram tão fortes que levou esse país a participar de três guerras. A primeira delas foi com Oribe, do Uruguai, e Rosas, da Argentina. O segundo conflito se deu contra Aguirre, do Uruguai, enquanto que o terceiro foi contra Francisco Solano López, do Paraguai.

Cotrim reserva alguns parágrafos para tecer considerações sobre cada um desses três conflitos, dividindo-os cada qual em tópicos separados.

No primeiro tópico, intitulado *Intervenção contra Oribe e Rosas (1851-1852)*, o autor pretendeu explicitar as causas que levaram ao conflito e, ao final, os seus efeitos. Percebemos, neste sentido, o binômio causas-consequências como o motor principal das explicações dos eventos.

---

<sup>6</sup> A edição de 1999 apresenta 58 capítulos distribuídos na tradicional divisão: Pré-História/História Antiga/Medieval/Moderna e Contemporânea. A temática Guerra do Paraguai está situada no capítulo 43, na parte referente à Unidade História Contemporânea.

Conforme o autor, a República Oriental do Uruguai teve como seu primeiro presidente, eleito em 1828, um aliado do Império brasileiro, Frutuoso Rivera, pertencente ao Partido Colorado, cuja maioria dos correligionários era comerciantes e aliados do Império. Segundo Cotrim, “o governo de Frutuoso Rivera não perturbou os brasileiros” (COTRIM, 1999: 333). Entretanto, afirma que, com a vitória nas eleições de 1834 de Manuel Oribe, pertencente ao partido adversário, o Partido Blanco, cuja maioria “representava os criadores de gado e era ligado aos Argentinos” (COTRIM, 1999: 333), a situação mudou. Some-se a isso que, segundo o autor, o presidente da Argentina apresentava pretensões de anexar o território do Uruguai.

Segundo Cotrim, essa “união entre Oribe e Rosas prejudicava os interesses brasileiros na região platina” (COTRIM, 1999: 333). Além disso, havia a alegação, por parte dos brasileiros, de que os “blancos desrespeitavam as fronteiras do Rio Grande do Sul e provocavam conflitos com os fazendeiros gaúchos” (COTRIM, 1999: 333). Nesse sentido, conforme o autor, “o Brasil resolveu intervir militarmente na região platina para garantir seus interesses econômicos e políticos” (COTRIM, 1999: 333).

Nos conflitos/intervenções entre o Império brasileiro e o Uruguai, tendo a Argentina também envolvida neste processo, não há, por parte de Cotrim, nenhuma associação ao imperialismo britânico, ou seja, aos interesses da burguesia inglesa na região. Esses conflitos são tidos como intervencionismo/imperialismo brasileiro em relação aos países vizinhos. Em contrapartida, no caso da Guerra do Paraguai, como veremos adiante, esse intervencionismo/imperialismo brasileiro é negligenciado em face ao imperialismo britânico. Neste caso, o Império brasileiro aparece mais como um agente dos interesses ingleses na região do Prata.

O autor, consciente ou inconscientemente, tenta justificar as intervenções do Império brasileiro frente aos seus países vizinhos, Uruguai e Argentina. Assim, o Império só interferiu na política interna da República Oriental do Uruguai porque esta o “perturbou”. Se o governo de Oribe tivesse sido como o de Rivera, que “não perturbou os brasileiros” (COTRIM, 1999: 333), nada disso teria acontecido. Além do mais, segundo Cotrim, o Império do Brasil só interferiu na Argentina, inclusive chegando a apoiar as províncias portenhas de Entre-Rios e Corrientes numa sublevação contra Rosas, devido à ânsia do governo de Buenos Aires em anexar o Uruguai. Dessa forma, todas as atitudes intervencionistas do Brasil em relação aos países platinos estão justificadas.

Cotrim inicia seu texto referente ao conteúdo ‘Guerra do Paraguai’ destacando a peculiaridade da trajetória política deste país. Segundo Cotrim, desde o primeiro presidente, José Gaspar Rodríguez Francia, desenvolveu-se “uma estrutura socioeconômica voltada para os interesses da população e com vistas à plena independência do país” (COTRIM, 1999: 334). Assim, segundo o autor, o governo de Francia “distribuiu terras aos camponeses, combateu a oligarquia parasitária e construiu inúmeras escolas para o povo” (COTRIM, 1999: 334). Ainda segundo Cotrim, em 1840, data da morte de Francia, “não havia analfabetos no Paraguai” (COTRIM, 1999: 334).

Os sucessores de Francia, quer dizer, Carlos Antônio López e Francisco Solano López, conforme o autor, “prossegiram sua obra [de Francia] buscando fazer do Paraguai um país soberano e livre da exploração do capitalismo internacional” (COTRIM, 1999: 334). O professor Gilberto Cotrim, nesta edição de 1999, defende que “o desenvolvimento do Paraguai desagradava a Inglaterra, que tinha interesse em manter os países latino-americanos como fornecedores de matérias primas e consumidores dos seus produtos industrializados” (COTRIM, 1999: 334).

Cotrim (COTRIM, 1999) reforça a ideia defendida por muitos outros autores de livros escolares, sobretudo aqueles que escreveram nas décadas de 1980 e 1990<sup>7</sup>, de que o Paraguai representava um “mau exemplo”<sup>8</sup>. Assim, “como o Paraguai não se enquadrava no esquema do capitalismo industrial inglês [...] precisava ser destruído” (COTRIM, 1999: 334). Nesse sentido, novamente a Grã-Bretanha aparece como a articuladora do conflito, pois “estimulou Brasil, Argentina e Uruguai, que formaram a **Tríplice Aliança**, na luta contra o Paraguai” (COTRIM, 1999: 334); há, desta forma, uma valorização/preponderância das causas econômicas para a explicação do conflito, reportando-o ao contexto do capitalismo internacional.

Segundo Cotrim, “do lado brasileiro morreram 100 mil combatentes” (COTRIM, 1999: 335) na Guerra do Paraguai; Já do lado paraguaio, o autor afirma que, dos 800 mil habitantes que havia antes da guerra, restaram apenas 194 mil, quer dizer, “75,7% dos paraguaios foram exterminados” (COTRIM, 1999: 335). Apesar dessa indicação tão específica dos quantitativos de mortos pelo conflito, Cotrim não apresenta aos seus leitores de onde retirou tais informações. Contudo, acreditamos que elas tenham sido baseadas em

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, os livros escolares de História do Brasil das décadas de 1980 e 1990 dos autores Nelson Piletti (Editora Ática) e Elza Nadai & Joana Neves (Editora Saraiva).

<sup>8</sup> Expressão utilizada pelo próprio autor.

Chiavenatto (1983), haja vista que, no livro *Genocídio Americano*, consta tais percentagens e quantitativos.

Ainda abordando as conseqüências que o conflito platino trouxe, afirma: “de país rico e próspero, o Paraguai foi transformado num grande cemitério. Agricultura, comércio e indústria foram completamente arrasados. Da população masculina adulta sobreviveu apenas 0,5%” (COTRIM, 1999: 335).

O professor Gilberto Cotrim, em certo momento de sua obra didática, transforma o presidente paraguaio em herói, ao afirmar: “*Morro com minha pátria* foram as últimas palavras de Solano López ao ser derrotado na batalha de Cerro Corá, em 1870. E nessa frase não havia exagero” (COTRIM, 1999:335).

## 2. História Global: Geral e Brasil. 8ª edição (2005), 4ª tiragem (2007)

Na apresentação desta edição, percebemos algumas diferenças em relação à de 1999. O título desta apresentação é *Caro aluno*, explicitamente é a *conversa* do autor com o seu principal leitor, o aluno.

Esta *Apresentação* se pauta pela preocupação explícita do autor com a historiografia e com o ensino de História e suas renovações. Assim, Cotrim pretende “tanto quanto possível, [abranger] as contribuições mais recentes da historiografia e do ensino de História” (COTRIM, 2005: 3). Nesse sentido, o autor pretendeu demonstrar que tem ciência das renovações e discussões que estão ocorrendo em nível mais amplo acerca da historiografia e do ensino de História.

Sobre o processo de didatização na construção de sua obra, Cotrim, em entrevista concedida em 2011<sup>9</sup>, afirma:

No caso do livro de história, eu diria que meu trabalho sempre teve dois pilares: (a) o primeiro consiste na preocupação de acompanhar o desenvolvimento do saber histórico; (b) o segundo é a preocupação de acompanhar o desenvolvimento do ensino de história. Ou seja, no livro a preocupação com o **crescimento do saber** deve andar junto com o interesse em promover o **crescimento do aluno**. Afinal, lidamos com educação (COTRIM, 2011).

---

<sup>9</sup> A entrevista em questão foi realizada através de e-mail. Nesse sentido, não fizemos nenhum tipo de modificação/intervenção nas respostas do professor Gilberto Cotrim, as utilizando da forma como foram depositadas.

Ao falar do modo como trabalha os conflitos historiográficos em seus livros escolares, Cotrim afirma:

No meu livro *Saber e Fazer História*, em co-autoria com Jaime Rodrigues, criamos uma seção denominada Outras Palavras, que traz questões historiográficas em debate. Esta seção está sendo ampliada nas novas edições do livro. O objetivo é fazer o aluno perceber que o saber histórico é um **processo contínuo**, e não algo em que atingimos uma “verdade definitiva” (COTRIM, 2011).

Desta forma, na apresentação da 8ª edição do livro analisado, Gilberto Cotrim afirma:

[...] No percurso que traçamos para você nesta obra há uma seleção de temas e interpretações do processo histórico. Mas, certamente, muitos outros percursos podem ser trilhados. Por isso, o conteúdo deste livro deve ser discutido, ampliado, questionado (COTRIM, 2005: 3).

Assim, ao afirmar que o percurso escolhido poderia ter sido vários outros, Cotrim abre espaço para que sua obra seja discutida, ampliada e questionada. A partir de então, o livro didático deixa de ter o caráter prescritivo e autoritário do manual, pelo menos nesta *Apresentação*, para se tornar mais um instrumento que suscite discussões e debates em torno das temáticas envolvidas.

Dessa forma, o autor deixa claro aos seus leitores que o livro que eles têm em mãos é uma *seleção de temas e interpretações do processo histórico*, quer dizer, existem diversos outros possíveis. Sobre as fontes e literaturas históricas utilizadas na produção de livros didáticos, Cotrim afirma que:

Utilizo as várias fontes a que tenho acesso: leio os livros recentes publicados pelas diversas editoras, assino as revistas de História de Universidades, conto com o intercâmbio do Prof. Dr. Jaime Rodrigues, professor de História do Brasil da UFSP, que é meu co-autor e colaborador assíduo (COTRIM, 2011).

O conteúdo concernente à Guerra do Paraguai está localizado no capítulo 42 da obra, intitulado *A crise do império*, que trata da política externa brasileira e seus conflitos com a

Inglaterra – configurada na Questão Christie – e com os países platinos. Além disso, o capítulo traz questões ligadas à campanha abolicionista e ao movimento republicano<sup>10</sup>.

A parte referente à *Intervenção brasileira no Uruguai* (contra Oribe em 1851-52 e contra Aguirre em 1864-65) e na Argentina (contra Rosas em 1851-52) permaneceu inalterada no seu sentido/interpretação nas duas edições analisadas, havendo apenas algumas pequenas alterações/correções de cunho gramatical.

Analisando a Guerra do Paraguai, percebemos que, na edição de 1999, o autor afirmou que “José Gaspar Rodrigues de Francia, desenvolveu uma estrutura socioeconômica voltada para os interesses da população e com vistas à plena independência do país” (COTRIM, 1999: 334). Já na edição de 2005, Cotrim, apesar de continuar a não especificar que população foi essa, beneficiada pelo governo, relativiza ao afirmar que a política socioeconômica do Governo de Francia foi voltada para “considerável parte da população paraguaia” (COTRIM, 1999: 395). Desta forma, o autor diminui o percentual da população guarani que foi beneficiada, quer dizer, agora não é mais a população como um todo que se beneficiou com tais medidas, mas sim uma parcela considerável. Contudo, o autor não entra em mais detalhes.

No livro analisado (COTRIM, 2005), Cotrim continua a nos informar que, em 1840, não havia analfabetos no país guarani. Entretanto, novamente, o autor não nos informa/especifica de onde retirou tal informação e como isto era possível de determinar num período relativamente recuado no tempo e em uma sociedade tão fechada como a do Paraguai da época.

Na edição de 1999, Cotrim afirmou que os sucessores de Francia mantiveram o país “soberano e livre da exploração do capitalismo internacional” (COTRIM, 1999: 334), enquanto que, na edição de 2005, Cotrim pondera que os sucessores de Francia “buscaram, gradativamente, romper o isolamento comercial do país, inserindo-o no mercado externo” (COTRIM, 1999: 396). Percebemos, portanto, que, na primeira versão, o país guarani era livre da exploração do capitalismo internacional, enquanto que na segunda, estava tentando, paulatinamente, se inserir neste mesmo mercado externo, rompendo, deste modo, com seu isolacionismo.

Cotrim começa o tópico *Descontentamento capitalista* (COTRIM, 2005: 396) utilizando a expressão “segundo alguns historiadores”. Isso quer dizer que o autor, ao agir

---

<sup>10</sup> A edição de 2005 apresenta 57 capítulos distribuídos em 15 unidades. A temática Guerra do Paraguai está situada na Unidade 11, intitulada *O Brasil no século XIX*. Essa unidade apresenta seis capítulos (do 38 ao 43), que vão desde a *Independência política do Brasil até a Instituição da República*.

dessa maneira, demonstra que o conhecimento histórico deve sempre ser relativizado e que, portanto, o suposto descontentamento dos capitalistas ingleses pelo desenvolvimento do Paraguai se configura apenas como uma vertente das produções sobre esta temática, indicando aos seus leitores, que nem todos os historiadores aceitam tais argumentos.

Em relação à edição de 1999, o autor (COTRIM, 2005) suaviza a interferência britânica na Guerra do Paraguai. Isso fica muito claro em algumas passagens, como em: “o governo inglês, de certo modo, favoreceu a luta promovida pelas forças do Brasil, da Argentina e do Uruguai (a Tríplice Aliança)” (COTRIM, 2005: 396). Assim, as expressões “de certo modo” e “favoreceu a luta”, atenuam a influência inglesa neste conflito.

Além de ressaltar as causas políticas e territoriais da Guerra contra o Paraguai, Cotrim destaca também as causas econômicas. Supervalorizando estas últimas, o autor faz uma citação do livro *Genocídio Americano*, de Chiavenatto. Nesta edição, a citação feita é acompanhada da correspondente referência, ao contrário da de 1999, cuja referência não é indicada, apesar de cremos que se trate de outra passagem deste mesmo livro de Chiavenatto.

Tanto na primeira citação (COTRIM, 1999), quanto na segunda (COTRIM, 2005), é destacado o fator econômico como o principal motor gerador da Guerra. Ambas abordam os interesses do capitalismo internacional em abrir o Paraguai para o comércio mundial. Nesse sentido, podemos afirmar que Cotrim destaca os aspectos econômicos como os fatores preponderantes deste conflito.

Percebemos ainda uma preocupação do autor, ao falar do início da guerra, em acrescentar à edição de 2005 a expressão “segundo a versão dos militares” (COTRIM, 2005: 396). Entende, pois, que o conhecido evento do aprisionamento do navio brasileiro Marquês de Olinda por forças paraguaias é estabelecida como marco inicial do conflito a partir da visão militar, podendo, assim, existir outras possibilidades de periodizações, seleções de eventos e/ou interpretações.

A versão que defende como marco inicial da Guerra do Paraguai o aprisionamento do navio Marquês de Olinda e a invasão ao Mato Grosso por forças armadas paraguaias, concebe, consciente ou inconscientemente, o Estado paraguaio como o *agressor*, quer dizer, como aquele que inicia as hostilidades e, assim, o próprio conflito; Essa versão foi propagada, sobretudo, pela historiografia memorialístico-patriótica dos militares brasileiros, que teve início ainda no século XIX e que perdurou por boa parte do século XX. Esta vertente historiográfica desconsidera os conflitos regionais relacionados ao processo de construção dos

Estados platinos e o imperialismo brasileiro em relação aos países vizinhos como sendo prováveis causas para o início da Guerra do Paraguai. Recentemente, o professor Francisco Doratioto (2002) vem restaurando/revigorando algumas perspectivas da historiografia memorialístico-patriótica e, com uma visão extremamente nacionalista, aponta para o Estado paraguaio e, especialmente, para a figura de Francisco Solano Lopez como o grande culpado não só pelo início do conflito, mas também pelo excessivo número de mortos na guerra<sup>11</sup>.

Na edição de 1999, o autor indicou o número de mortos, tanto do lado brasileiro quanto do paraguaio, de forma arbitrária, sem indicar as fontes para seu leitor. Já na edição de 2005, Cotrim afirma que “as perdas humanas foram imensas, embora não haja cálculos precisos sobre o número de mortes” (COTRIM, 2005: 396). Enquanto que na primeira edição analisada Cotrim apontou 100 mil mortos do lado brasileiro, na segunda relativiza, afirmando que “há estimativas que variam de 25 mil a 100 mil combatentes mortos” (COTRIM, 2005: 396).

Do lado paraguaio, o autor apontava, na primeira versão (COTRIM, 1999), 800 mil habitantes, dos quais 75,7% pereceram durante a guerra, restando apenas 194 mil. Em 2005, Cotrim traz outros números, além de fornecer a fonte de onde retirou tais quantitativos. Assim, afirma ele: “de acordo com os cálculos analisados por Boris Fausto, aproximadamente metade da população paraguaia morreu durante a guerra” (COTRIM, 2005: 396).

Além da mudança de quantitativos de mortos no Paraguai, de 75,7% para 50%, a nova edição indica de onde retirou tais informações, entendendo que é importante para os leitores/alunos saberem em que ou em quem o autor se baseou para fazer tais afirmações. Assim, como Cotrim informa na *Apresentação* de seu livro (2005), há uma seleção de interpretações/fontes que são, não necessariamente, as únicas a serem seguidas, existindo, portanto, outras possibilidades interpretativas e de fontes a serem selecionadas.

É importante percebermos que essa modificação de atitude, que passou a indicar as fontes e referências, não é só uma preocupação do autor com o seu leitor, mas uma exigência do PNLB, que influencia sobremaneira os escritores de livros didáticos, mais até, talvez, do que sua preocupação como o leitor/aluno.

Cotrim revisa também, baseando-se novamente em Fausto (2001), o número de habitantes paraguaios, que passa de 800 mil antes e 194 mil após a guerra, na edição de 1999, para 406 mil habitantes antes e 231 mil depois do conflito, na edição de 2005. O autor,

---

<sup>11</sup> Sobre isto ver: SALLES (2011).

buscando mostrar que está atento às discussões acerca do assunto e, relativizando ainda mais as informações acerca dos quantitativos da guerra, afirma: “essas cifras [*de Boris Fausto*] parecem exageradas para o historiador inglês Leslie Bethel [1995a], que cita entre 50 a 80 mil mortes” (2005, p. 396) (destaque nosso).

Ao citar o destacado historiador inglês, cujo texto foi oriundo de um Colóquio significativo que reuniu importantes estudiosos da temática e pretendeu discutir *A Guerra do Paraguai 130 depois*<sup>12</sup>, demonstra que Cotrim assimilou as discussões historiográficas que estavam/estão ocorrendo acerca das questões referentes à Guerra do Paraguai<sup>13</sup>.

Além disso, Cotrim realiza uma extensa citação, destacada em um box, do livro *História do Brasil*, de autoria de Boris Fausto. Tal referência trata das três principais correntes historiográficas acerca da Guerra contra o Paraguai, relativizando-as ao período histórico em que foram produzidas. A perspectiva apresentada por Fausto e reproduzida por Cotrim é um interessante panorama, mesmo que em poucos parágrafos, das produções e discussões sobre o conflito, suscitando o aluno a desenvolver um pensamento historiográfico. Desta forma, o historiador Gilberto Cotrim entra em consonância com a proposta apresentada no início do livro: *valorizar a perspectiva historiográfica*.

Ao falar sobre as *Conseqüências da guerra* (COTRIM, 1999: 335) ou dos *Efeitos internos da guerra* (COTRIM, 2005: 398), Cotrim não modifica muita coisa de uma para outra edição, de modo que esses tópicos permanecem praticamente inalterados. O autor destaca apenas dois efeitos que a guerra teria causado ao Império brasileiro. O primeiro foi a maior dependência da economia brasileira dos empréstimos estrangeiros, tendo aumentado a sua dívida externa; O segundo foi a nova configuração do exército, com mais força e prestígio, assim como seus posicionamentos republicanos e abolicionistas.

A edição de 2005 apresenta um box com uma citação do historiador britânico Leslie Bethel, com o título *Desdobramentos da Guerra do Paraguai*. A citação, retirada de um capítulo do livro *A Guerra do Paraguai – 130 depois*, organizado por Maria Eduarda Marques, além de reafirmar a dívida/prejuízo das finanças públicas brasileiras, defende também alguns fatores positivos gerados pelo conflito, tais como:

---

<sup>12</sup> Em 1994, exatamente 130 anos após o início do maior conflito armado da América Latina, realizou-se no Rio de Janeiro, sob promoção da Biblioteca Nacional e apoio da Fundação Roberto Marinho e Banco Real, o *Colóquio Guerra do Paraguai – 130 anos depois*, coordenado pelo professor Carlos Guilherme Mota. Em 1995, Maria Eduarda Castro Magalhães Marques organizou o livro *Guerra do Paraguai: 130 anos depois*, pela Editora Relume-Dumará, oriundo dos seminários resultantes desse colóquio, com alguns acréscimos de textos e informações bibliográficas e documentais.

<sup>13</sup> Diferentemente da outra edição (1999), esta (2005) apresenta bibliografia ao final.

1. Estímulo às indústrias brasileiras;
2. Modernização da infra-estrutura do império;
3. Fortalecimento/modernização/profissionalização do exército brasileiro, que passou, inclusive, a assumir um significativo papel político;
4. Acentuação das tensões sociais que geraram reformas, inclusive àquelas ligadas a questão da abolição;
5. Estímulo a reforma política;
6. O surgimento do Partido Republicano (1870).

Desta forma, o autor reconhece que a Guerra do Paraguai, apesar de sua violência, antecipou alguns resultados importantes para a sociedade brasileira, ou ao menos parte dela.

Esta edição (COTRIM, 2005) conta ainda com um mapa colorido, indicando as batalhas da Guerra do Paraguai, com a devida indicação da fonte (COTRIM, 2005: 397). Tem-se ainda a reprodução de uma pintura de Candido López, informando apenas que a mesma é do século XIX e que retrata uma enfermaria com soldados feridos de guerra (COTRIM, 2005: 398)<sup>14</sup>.

Ao final de cada assunto abordado, o livro apresenta um boxe com algumas questões da temática em foco, chamado *monitorando o estudo*. De uma para outra edição, percebemos que essas perguntas se mantiveram, com algumas pequenas modificações. Assim, na edição de 1999, por exemplo, temos a seguinte questão: “Por que o Paraguai incomodava a Inglaterra? O que os ingleses fizeram para submeter os paraguaios?” (COTRIM, 1999: 335). Já na edição de 2005, temos: “Por que a política do Paraguai, após a independência, incomodava o governo inglês? O que os ingleses fizeram para submeter os paraguaios?” (COTRIM, 2005: 399).

Nesse sentido, a edição de 2005, no que se refere ao *Monitorando o estudo*, apesar da sutil reformulação, entra em contradição com o próprio texto principal, pois ao invés de problematizar a participação inglesa no conflito através de uma perspectiva historiográfica, impõe apenas uma visão, que já está dada: a política paraguaia *incomodava* o governo inglês, bastando saber apenas o porquê e que atitudes esse governo tomou para reverter tal estado de coisas. Essas questões, assim postas, destoam do texto principal de Cotrim que, a todo o

---

<sup>14</sup> Na edição de 1999 não há nenhum desses dois elementos.

momento, preocupou-se em ponderar: “segundo alguns historiadores”, “segundo a versão dos militares” e etc.

É necessário ressaltar, contudo, que, com as crescentes subdivisões de tarefas na produção de livros didáticos, intensificadas nas últimas décadas<sup>15</sup>, é possível que tais questões de *monitoramento do estudo* tenham sido elaboradas e/ou revisadas por outra pessoa, talvez um profissional especializado na área pedagógica, explicando, talvez, essa contradição entre texto e atividade proposta. Entretanto, é difícil crermos que tais questões não tenham passado pela revisão do próprio autor.

Segundo Gatti Jr. (2004), a produção de livros didáticos de História passou por um gradual processo de transformação a partir do final da década de 1960. Esse foi o momento, segundo o autor, em que o escritor do livro didático passou a dividir tal autonomia com uma equipe técnica. Isso quer dizer que o livro didático, antes praticamente escrito a *uma só mão*<sup>16</sup>, passa a ser uma produção coletiva. Sobre isso, afirma:

[...] É importante ressaltar que, apesar de se reconhecer o fato de que os autores são os responsáveis diretos pelos conteúdos que constam dessas coleções [didáticas], houve um aumento ao longo do período estudado [1970-1990] da influência dos editores, de conteúdo, de arte, etc., pois são estes personagens que conjuntamente ao autor ou autores produzem, de fato, o livro didático em sua plena materialidade (GATTI JR., 2004: 66).

A indústria editorial brasileira incorporou, em todos os âmbitos de sua produção, uma mentalidade capitalista, com uma rigorosa divisão do trabalho. Os autores e seus textos, nesse sentido, tornaram-se apenas um dos momentos dessa complexa rede de produção que envolve redatores, pedagogos, profissionais gráficos, autores, copidesques e etc<sup>17</sup>.

Nesse tocante, o relato de Bittencourt é significativo:

Uma rápida leitura da ficha técnica, por exemplo, apresentada na contracapa das obras didáticas produzidas a partir da década de 1990, comprova que o papel do autor de uma obra didática tem se

<sup>15</sup> Sobre isso ver: MUNAKATA (1997; 2003) e GATTI JR. (2004; 2005).

<sup>16</sup> Expressão utilizada pelo próprio GATTI JR. (2004).

<sup>17</sup> Inserida numa lógica capitalista, a produção de textos didáticos tem sido solicitada pelas editoras aos seus autores de maneira cada vez mais veloz para atender as demandas do mercado e as modificações dos currículos e seriações, assim como dos próprios órgãos responsáveis pela avaliação desse tipo de material criados pelo Governo Federal, a exemplo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

modificado em decorrência das inovações tecnológicas impostas pela fabricação do livro. Copidesque, revisor de texto, pesquisador iconográfico, entre outros, constituem uma equipe cada vez mais numerosa de pessoas responsáveis pelo livro, e o autor do texto, embora permaneça encabeçando esse conjunto de profissionais, nem sempre é a figura principal (BITTENCOURT, 2004: 477).

Referente à efetiva participação nas reedições de seus manuais e, especificamente *História Global: Brasil e Geral*, Cotrim afirma:

Escrevo, pessoalmente, toda a parte relativa aos pressupostos teóricos e metodológicos da obra. E conto com a colaboração de professores somente para responder às questões específicas das atividades presentes no livro (COTRIM, 2011).

Dito isto, a contradição entre o *texto principal* e o *monitorando o estudo* possa ser mais bem entendida, sobretudo se pensarmos na crescente influência/interferência de equipes técnicas cada vez mais numerosas na produção de materiais didáticos e a conseqüente perda, como aponta o professor Décio Gatti Jr. (2004), da autonomia do autor frente a produção desse material.

Ao que tudo indica, essa é uma tendência que vem crescendo no ramo da produção didática. Contudo, destacamos que o que faz de um livro, didático, não é apenas o texto propriamente dito, mas todos os recursos que ele oferece, como mapas, imagens, boxes, exercícios, sugestões de atividades e etc.

Precisamos destacar, ainda, que na época em que se deu a formação inicial do professor Gilberto Cotrim, a interpretação hegemônica sobre a Guerra do Paraguai era o revisionismo histórico, sobretudo aquele relacionado a León Pomer e Júlio Chiavenatto. Nesse sentido, a geração de Cotrim vivenciou em sua formação uma realidade historiográfica do revisionismo histórico. Assim, o próprio fato da revisão do autor, no que se refere a Guerra do Paraguai, em relação as duas edições analisadas, indica a sua atenção em torno das principais discussões historiográficas atuais sobre a História do conflito.

Os livros didáticos representam, desde a institucionalização do ensino no Brasil, um importante instrumento educacional, e hoje, com a centralidade do Governo Federal nesse âmbito, seja nas avaliações ou compras periódicas, tornam-se ainda mais relevantes os estudos e pesquisas que se somam acerca da temática. Assim, as mudanças e/ou permanências

sobre a Guerra do Paraguai nos livros didáticos de História no período estabelecido, interessa não somente aos pesquisadores do ensino de História, mas também, e diretamente, aos professores, que utilizam cotidianamente em suas aulas o livro didático.

## REFERÊNCIAS:

### Fontes e Documentos

#### Entrevistas

COTRIM, Gilberto. Entrevista concedida a André Mendes Salles. 16 de fevereiro de 2011.

#### Livros Didáticos

COTRIM, Gilberto. *História Global: Brasil e Geral*. São Paulo: Saraiva, 1999.

\_\_\_\_\_. *História Global: Brasil e Geral*. São Paulo: Saraiva, 2005.

### Referências Bibliográficas

BETHELL, Leslie. A Guerra do Paraguai: História e historiografia. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). *A Guerra do Paraguai: 130 depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995a, p. 11-26.

\_\_\_\_\_. O imperialismo britânico e a Guerra do Paraguai. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). *A Guerra do Paraguai: 130 depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995b, p. 131-150.

BITTENCOURT, Circe. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, set./dez. 2004, p. 475-491.

CHIAVENATTO, Júlio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 18ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 9. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

GATTI JR., Décio. *A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*.

Bauru, SP: EDUSC; Uberlândia, MG: EDUFU, 2004.

\_\_\_\_\_. Estado e editoras privadas no Brasil: o papel e o perfil dos editores de livros didáticos (1970-1990). *Cadernos CEDES*, Campinas, v.25, n.67, set./dez. 2005, p.365-377.

MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). *A Guerra do Paraguai: 130 depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

MUNAKATA, Kazumi. Histórias que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura

no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2003, p.271-296.

\_\_\_\_\_. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. 1997. 218 p. Tese (Doutorado em

Educação). Pontifícia Universidade de São Paulo.

POMER, León. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rio-platense*. Tradução Yara Peres. São Paulo: Global, 1980.

\_\_\_\_\_. *Os conflitos da Bacia do Prata*. Tradução Luiz Roberto Seabra Malta. São Paulo: Brasiliense, 1979.

SALLES, André Mendes. *A Guerra do Paraguai na literatura didática: um estudo comparativo*. 2011. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba.